

Práticas de Aprendizagem para a Sustentabilidade no Ensino Superior do Turismo

Manoela Carrillo Valduga¹

Resumo

O presente artigo tem origem no debate acerca dos limites e das possibilidades da educação para a sustentabilidade no campo de conhecimento do turismo. A metodologia utilizada é a descritiva, pois visa apresentar à comunidade acadêmica uma experiência no campo do conhecimento do turismo. A experiência refere-se à proposta pedagógica do curso de Turismo de uma Instituição de Ensino Superior Privada, do sul do país, que objetiva promover a construção do conhecimento junto à realidade do entorno da Universidade, promovendo o desenvolvimento do Turismo, em parceria com poder público Municipal, comunidade e empresariado, calcado nas premissas da sustentabilidade. Os resultados preliminares apontam para uma avaliação positiva da experiência, que segue em andamento, apesar das dificuldades próprias do processo de construção de destinos turísticos, dinâmicos, com avanços e recuos. Professores e alunos dedicam-se ao projeto, construindo conhecimento e adquirindo experiências que possibilitam o amadurecimento profissional dos graduandos e, porque não, dos docentes.

Palavras-chave: Turismo. Ensino Superior. Sustentabilidade.

Introdução

O turismo, considerado um fenômeno social, pode ser entendido historicamente como os deslocamentos feitos pelos povos antigos, sobretudo os Gregos, que sediaram os Jogos Olímpicos, no século V a.C. Para outros autores, no entanto, a atividade da viagem só pode ser considerada turismo após a organização comercial da mesma, que tem como marco referencial o ano de 1841. Nesta data, Thomas Cook organizou uma viagem de trem entre duas cidades Inglesas para 540 pessoas. Em 1945, criou a primeira agência de turismo de que se tem conhecimento. (REJOWSKI, 2002).

A primeira definição de turismo é de um economista austríaco, Hermann von Schullern zu Schattenhofen, que, em 1911, de acordo com Fuster (1971) escreveu que turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que

¹ Docente dos cursos de Turismo e de Hotelaria da PUCRS .

se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado.

No período posterior a Segunda Guerra Mundial, o cenário do turismo paulatinamente, a partir do aumento da circulação de pessoas e do processo de urbanização das cidades, ganha destaque e notoriedade. Tal crescimento denomina o chamado “Turismo de Massa”, caracterizado, de acordo com Boyer (2003), pela prática constituída no século XIX de deslocamentos em quantidade para destinos turísticos estandardizados. Os meios de transporte aparecem, em conjunto com os de comunicação, como elemento fundamental para o advento do turismo moderno, sobretudo na Inglaterra.

Podemos perceber que o processo temporal que constitui o que hoje chamamos de turismo calcou-se nas mesmas premissas do crescimento industrial, sobretudo na busca da lucratividade para alguns em detrimento da exploração de recursos naturais, direitos civis e qualidade de vida de muitos.

Pode-se afirmar que a expansão do turismo acompanhou a expansão do capitalismo. Os avanços tecnológicos que propiciaram o crescimento da industrialização, como os transportes e as comunicações, por exemplo, impulsionaram o turismo como atividade econômica.

Diversas crises apontaram a ineficiência do processo industrial em proporcionar o desenvolvimento das regiões à luz da concepção de que o desenvolvimento deve capacitar às pessoas a adquirirem bens e serviços, ou seja, o Estado deve, de acordo com Sen (2000), garantir o acesso à alimentação, à educação, à moradia, à segurança, ao lazer e a todos os direitos que dão sentido à cidadania, que são os civis, os políticos, os sociais e os econômicos. Não se trata de defender políticas estatais paternalistas, daí a idéia de que os governos devam garantir o acesso aos serviços e aos bens básicos para a existência digna da população, a partir de ações que visem, além do crescimento econômico, a uma sociedade mais justa. A questão mais importante desse processo seria a garantia da igualdade de oportunidade para todos, não apenas para uma minoria, percebida como um caminho para a liberdade, cidadania e qualidade de vida.

As práticas turísticas, que seguiram um modelo capitalista, também precisam ser repensadas na medida em que geraram, na maioria dos casos, o mesmo padrão excludente, desigual e exploratório de desenvolvimento da produção capitalista calcada na

industrialização. Para Molina (2005), o modelo de desenvolvimento do turismo, sobretudo na América Latina, é excludente, da mesma forma que na indústria, explorando os trabalhadores e gerando desigualdades sociais com alta concentração da renda.

O fenômeno turístico como atividade econômica gera a mesma acumulação de capital de alguns e a exploração da mão-de-obra de muitos, conforme o modo de produção industrial. Para garantir a sustentabilidade turística, é preciso transformar as práticas, incluindo a comunidade local na produção do turismo.

Pode-se afirmar, então, que o discente dos cursos superiores de Turismo deve ter na sua formação a premissa da sustentabilidade para poder intervir sobre a realidade e modificá-la, visando a construção de um mundo ambiental, social, cultural e economicamente sustentável, sustentado e includente.

Frente a tal problemática, como trabalhar então, nas práticas de ensinagem superior em Turismo, a sustentabilidade?

O presente artigo tem como problemática central os limites e as possibilidades da educação para a sustentabilidade no campo de conhecimento do turismo.

O presente artigo visa compartilhar com a comunidade uma experiência no campo do conhecimento do turismo que, com a criação de projetos pedagógicos interdisciplinares desenvolvidos junto à comunidade do entorno, percebeu um real interesse dos alunos em aprofundar o aprendizado teórico para garantir a sustentabilidade no planejamento turístico.

Os principais objetivos do Projeto são propiciar práticas turísticas para que os alunos dos cursos de Turismo possam relacionar as teorias e técnicas estudadas com a realidade em que vivem. Além disso, busca-se demonstrar a possibilidade da implementação, na prática, de conceitos de sustentabilidade ambiental, social, cultural, econômica e política na sociedade balizada pelo sistema capitalista. Finalmente, intenta-se gerar desenvolvimento sustentável do Turismo em um Município do entorno da IES.

A organização do artigo tem a intenção de situar o leitor, ainda que de forma breve, no processo histórico pertinente ao desenvolvimento do campo de estudo do turismo e problematizar a ensinagem do mesmo com vistas a formação de profissionais qualificados para atuarem no frágil planeta terra, preservando o ambiente natural, social, cultural e econômico.

Em seguida, apresenta-se a discussão acerca da sustentabilidade no campo de

conhecimento do turismo para, finalmente, apresentar a prática pedagógica adotada por uma IES.

A Sustentabilidade no Campo de Conhecimento do Turismo

Embora muitas das práticas empresariais e mesmo públicas do setor turístico ainda o percebam apenas como uma possibilidade de crescimento econômico, sem levar em conta seu alto custo social e ambiental, no campo dos estudos, muito se avançou. O adjetivo “sustentável” já acompanha o substantivo masculino “turismo” há algumas décadas.

O surgimento da expressão *desenvolvimento sustentável* data de 1973, originada a partir do termo *ecodesenvolvimento*, caracterizado como uma concepção alternativa ao termo *desenvolvimento*.

A idéia de maior consenso acerca do desenvolvimento sustentável é a contida no Relatório Brundtland, em que “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”. (PALSULE, 2004, p. 39). Tal definição, adotada pela grande maioria dos autores interessados pela sustentabilidade, abarca a idéia de que a sociedade atual, em seu estágio de tecnologia e organização, impede o meio ambiente de manter-se de forma a atender às gerações futuras.

Segundo Swarbrooke (2000), as discussões conceituais sobre o turismo sustentável ocorreram na década de 90 e têm sua origem no debate acerca do desenvolvimento sustentável que, segundo o autor, já existe há muitos séculos, e nos modelos de planejamento urbano.

O autor define *sustentável* como o “desenvolvimento que satisfaz nossas necessidades hoje, sem comprometer a capacidade das pessoas satisfazerem as suas no futuro” (SWARBROOKE, 2000, p. 03). Por sua característica de temporalidade, pressupõe-se uma necessidade de intervenção e planejamento na atividade turística. O autor salienta ainda que o conceito de sustentabilidade engloba o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos.

Para Swarbrooke (2000), as definições de turismo sustentável ainda são muito subjetivas, e suas premissas muitas vezes não são passíveis de ser aplicadas no mercado -

sobretudo porque as diretrizes partem do governo - mas de serem executadas pelos empresários do *trade* turístico.

A Organização Mundial do Turismo definiu Turismo Sustentável, de acordo com o Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável (2003, p. 24) como aquele que “atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”. Para a entidade de maior respeito e representatividade mundial do setor, o Turismo Sustentável:

é visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida. (ibidem)

Percebe-se que a preocupação com a sustentabilidade dos diferentes processos de desenvolvimento advém das consequências das práticas capitalistas predadoras. Os sujeitos do mundo passaram a se dar conta de que os recursos naturais precisam ser preservados para a continuidade da espécie humana. Para as empresas, sustentabilidade virou sinônimo de marketing social. No *trade* turístico, a concepção não é diferente, talvez por isso o autor aponte alguma dificuldade no seu entendimento. No entanto, teóricos e planejadores do turismo, em diversos países, já compreenderam seu significado e, muito provavelmente, estejam agindo ou aguardando sua aplicação.

Para Beni (2006), o planejamento turístico deve oferecer um modelo para as políticas governamentais, calcado na sustentabilidade. Os objetivos desse planejamento seriam manter a sustentabilidade ambiental ou ecológica, a social, a econômica, a cultural e a político-institucional. Para o alcance desses objetivos, devem ser seguidas ações que primem pela sustentabilidade mercadológica, espacial, financeira, política, administrativa, organizacional e jurídica.

A sustentabilidade ambiental, no turismo, diz respeito à capacidade de receber pessoas, além da comunidade local, levando em consideração o consumo e a produção de resíduos. Para alcançar maior sustentabilidade ambiental, um destino turístico deve

incrementar sua capacidade de geração de recursos naturais renováveis e limitar o uso dos recursos que não sejam renováveis ou que prejudiquem o meio, além de reduzir a poluição entre outras medidas de preservação. Além de compreender o espaço em que são oferecidos os produtos e os serviços turísticos, o meio ambiente por vezes é o próprio atrativo turístico, seja pela paisagem, seja pela interpretação dos ecossistemas, pela qualidade do ar, pelo silêncio ou pelos sons da natureza.

As políticas públicas podem contribuir para práticas turísticas mais sustentáveis a partir de diretrizes que primem pela proteção de ecossistemas que gerencie adequadamente os resíduos sólidos e os recursos hídricos, combata as poluições sonora e visual, mantenha saneamento básico apropriado e estimule o uso de energias alternativas, visando à diminuição da poluição atmosférica e da interferência na alteração climática.

A sustentabilidade social no turismo, segundo Beni (2006, p. 104), deve garantir “a satisfação das necessidades básicas humanas como alimento, saúde, segurança, liberdade, emprego e recreação, fundamentada na melhoria da qualidade de vida da população pobre”. Para tanto, o turismo deve gerar um padrão estável de crescimento e uma justa distribuição de renda, reduzindo a desigualdade social. O autor destaca que a atividade turística tem a mesma característica de qualquer outra atividade econômica quanto a poder causar danos ou gerar benefícios no contexto social em que se insere.

As ações propostas para a sustentação do contexto social das comunidades abarca uma série de iniciativas públicas das diversas áreas privadas, como o gerenciamento da dinâmica populacional e do mercado de trabalho, sobretudo em relação à mão-de-obra que os empreendimentos turísticos atraem aos locais onde se instalarão; à capacitação de profissionais, à atuação na área da educação, da saúde, habitação e do ordenamento territorial.

Para obter sustentabilidade econômica, o autor recomenda a geração e distribuição de renda, a expansão da formação de capital, melhoria do balanço de destino das receitas e geração de postos de trabalho.

A sustentabilidade cultural, assim como a ambiental, diz respeito à preservação do seu contexto e do próprio produto turístico. As práticas turísticas podem causar, em determinados casos, a alteração ou mesmo a eliminação de tradições que conformam uma cultura. Por outro lado, as práticas culturais podem ser justamente a atração aos turistas. O

que causaria a transformação ou o extermínio de uma cultura seria, para Beni (2006), o fascínio local pelos costumes dos visitantes, que leva os primeiros a imitarem os segundos.

Para minimizar a impactação cultural, o autor recomenda ações de conservação da herança cultural, incluindo e dando uso ao patrimônio histórico, meios de interpretação e de difusão cultural e manutenção da autenticidade cultural.

As diretrizes apresentadas para a sustentação dos âmbitos social, econômico e ambiental requerem, para sua implementação e continuidade, a sustentabilidade política e institucional. A atividade turística, mais do que qualquer outra, por sua complexidade e abrangência interdisciplinar, requer esforços extras, para que a iniciativa privada e o setor público construam conjuntamente e em convergência a sustentabilidade no turismo. Para tanto, é preciso ter clareza quanto às deficiências estruturais e conjunturais que impedem o desenvolvimento sustentado do turismo, a fim de elaborar políticas públicas, refletidas em planos e programas adequados e instrumentos de implementação aplicáveis à realidade nacional, respeitando e contemplando a heterogeneidade comum a um país territorialmente amplo.

É preciso, portanto, formar as novas gerações de turismólogos sob o paradigma do desenvolvimento sustentável, que busca um modelo democrático de diretrizes, regras e práticas públicas e privadas, que visem à qualidade de vida das comunidades, com geração de emprego e renda locais, a partir de empreendimentos locais, preservação ambiental, respeito às práticas culturais locais, garantia de serviços e bens básicos à população local, como acesso à educação, à saúde, à habitação, ao saneamento, à alimentação e ao lazer.

A Educação para a Sustentabilidade no Turismo

Já há muitos anos é reconhecido, por parte da comunidade de educadores que pensam a instituição de ensino superior, o valor de alguns pressupostos para a implantação e o desenvolvimento de uma escolaridade melhor para as novas gerações de estudantes. Conceitos como motivação, sentido e significado da aprendizagem e valorização do conhecimento prévio do aluno, dentre outros, têm sido integrados ao discurso pedagógico, relacionados às condições *sine qua non* para o êxito dos processos de aprendizagem escolar. Neste sentido, os cursos de Turismo devem propor a utilização da pedagogia de projeto,

processo no qual o conhecimento se constrói na interação com a realidade social em tempo real.

Para dar conta de tal desafio, professores de um curso de bacharelado em Turismo iniciaram, junto à comunidade rural local, tendo como atores envolvidos os alunos do curso, uma proposta de planejamento sustentado do Turismo.

Inicialmente, participaram da elaboração da I Conferência Municipal de Turismo para o município, ocorrida em dezembro de 2006, tendo como objetivo discutir e definir diretrizes gerais para a formação de uma gestão compartilhada (pública e privada) de Turismo da cidade, de responsabilidade da Prefeitura Municipal, pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Na ocasião, elegeram-se os paradigmas da sustentabilidade econômica, ambiental, sócio-cultural e antropológica como diretrizes para a construção do turismo na cidade, tendo a participação de 110 delegados, segmento de cidadãos e sociedade civil organizadas.

Os resultados da I Conferência Municipal de Turismo foram compilados pelos alunos e entregues, em maio de 2007, ao Sr. Prefeito da Cidade.

Desde então, os atores envolvidos (Prefeitura Municipal, Instituição de Ensino Superior, comunidade local e empresários e entidades) vêm planejando de forma participativa as ações estratégicas que visam à consolidação do destino turístico, bem como decidindo coletivamente acerca das ações pontuais que surgem ao longo do processo.

O projeto proposto entende o turismo como um fenômeno social possibilitador de integrar os diferentes interesses da comunidade local, mas que transcende as linhas territoriais e locais quando possibilita a preservação ambiental para as regiões metropolitanas, e cultural, tão importante na preservação do planeta diante dos impactos destruidores de modelos econômicos oriundos com a industrialização.

Neste período, alunos realizaram a inventariação turística do local (INVITUR), cadastrando 57 propriedades, criaram propostas de intervenção turística para 15 propriedades rurais, visualizaram diversas formas de roteirização dentro da Rota criada para o local, entre outras atividades de pesquisa empírica e confronto teórico. No mesmo tempo referido, a comunidade viamonense participou, ainda sob coordenação do Curso de Turismo, executados pelos alunos, da elaboração de cursos de qualificação focando a hospitalidade, atendimento ao

turista, primeiros socorros, higiene de alimentos, bem como fortaleceu as relações locais formadoras da rede de produção da Rota.

Visando otimizar os processos de planejamento, iniciou-se a implantação de uma OSCIP, em vias de regulamentação.

A escolha da área rural próxima a IES, para desencadear o primeiro projeto de roteirização turística, se dá pela especial composição ambiental, econômica e cultural ali estabelecida. A produção orgânica de hortifrutigranjeiros, a diversidade produtiva como cogumelos, floricultura, criação de chinchila, cavalos, capricultura, ervas medicinais, oleaginosas, óleos essenciais e chás, somada às inúmeras atrações de lazer e animação já existentes, afirmam a potencialidade da localidade para o desenvolvimento do Turismo de forma sustentada e sustentável.

O evento de lançamento da Rota ocorreu em dezembro de 2007, ao final de um ano de preparação, tendo como participantes em torno de 35 pessoas, em 12 propriedades.

Até a presente data, muito se avançou. Como primeiros indicadores, podemos salientar o ingresso de novas propriedades rurais no processo, bem como o constante interesse de mais entrantes, a comercialização de alguns roteiros turísticos, criação de logotipia e material de divulgação e a participação da Rota turística em diversos eventos locais.

Este sistema tem como meta uma melhor qualidade do ambiente urbano e rural, qualidade de vida, variedade de oportunidades culturais, condições indispensáveis para atrair e desenvolver atividades e ser competitivos. Assim, a tendência é de que as cidades e regiões se estruturam através de redes de solidariedade para negociar com as empresas, internacionalizadas, buscando o bem estar comum, com o qual se enfatiza a necessidade de estabelecer uma relação dinâmica entre o local e o global.

Estes produtos, somados a potencialidade do lugar, geram um impulso ao processo de desenvolvimento integral regional e municipal. Novas funções se superpõem as já existentes, mantendo-se a cidade primária original como um todo coerente. A evolução dos componentes do sistema sócio-econômico estabelece uma sinergia que envolve os demais elementos, urbanos e rurais, e afeta a estrutura político-institucional.

A partir do desenvolvimento sustentado do turismo, com vistas a geração de emprego e renda, preservação ambiental, melhoria de condições sociais e respeito à diversidade cultural, também é possível garantir a manutenção das comunidades locais na área

rural. Para além disso, possibilita-se que moradores de áreas urbanas tenham a possibilidade de conviver em ambientes naturais, provocando nesses sujeitos, quem sabe, uma re-ligação com o habitat natural de todos os seres humanos, qual seja, a terra.

Para os alunos, é inegável a relevância pedagógica e de formação humana que a experiência proporciona. Teoricamente, os processos de aprendizagem visam os fortalecer acerca do planejamento necessário para garantir a sustentabilidade no turismo. Na prática, percebem a dificuldade de executá-los, sem sucumbir aos desafios reais, complexos e contraditórios encontrados no processo que envolve diversos atores sociais, mas, sobretudo, que deve ser construído junto à comunidade local .

Ao participarem da construção de um destino turístico, tornam-se atores ativos da mudança social. A responsabilidade da garantia da sustentabilidade também é dos alunos, cientes de encargo.

Considerações Finais

A humanidade vivencia um momento de crise do modelo que optou seguir. A sociedade moderna, fruto do processo de industrialização, padronizou não apenas os seus produtos, mas também seu habitat, suas relações pessoais e mesmo diversos hábitos culturais. O turismo seguiu o mesmo percurso. Sua standardização faz com que o turista se sinta “em casa” em qualquer lugar do mundo. Os nativos são percebidos como mão-de-obra desqualificada, e não como seres-humanos capazes de gerir processos turísticos.

A busca desenfreada pelo crescimento econômico desconsidera os sujeitos na sua condição de seres humanos, levando o *homo sapiens* a se transformar no *homo economicus*. As relações sociais são regidas pelo poderio econômico dos sujeitos. Deixa-se, em segundo plano, problemas estruturantes das sociedades, como a precariedade da educação, da saúde, da habitação e da alimentação, entre outros, que afetam as sociedades.

No processo de desenvolvimento das mais diversas nações do mundo, os homens desconsideraram seu pertencimento a natureza. Os recursos naturais foram consumidos indiscriminadamente, abalando o habitat da população mundial. Os sujeitos esqueceram-se que são, também eles, seres naturais, necessitando que fenômenos como enchentes,

queimadas, terremotos e maremotos os alertassem sobre o mau uso de seu lar, qual seja, o planeta Terra.

Em frente aos prejuízos causados em consequência da busca desenfreada pelo enriquecimento dos países e de seus sujeitos, o turismo foi comumente considerado a “indústria sem chaminés”, um meio econômico menos poluente e socialmente incluyente de desenvolvimento.

Tal denominação aponta a um sentido que se desejou dar à atividade econômica do turismo, qual seja, a de prosperidade econômica, sem os malefícios, a primeira vista, ambientais. Assim, tinha-se no turismo a possibilidade de desenvolver economicamente um País, cidade ou região, à luz do capitalismo industrial, sem a produção de impactos ao meio ambiente.

Sabe-se que o turismo, se mal concebido, planejado e praticado, pode ser tão prejudicial ao meio ambiente, à cultura, à participação comunitária, ao meio social e mesmo à economia dos núcleos receptores quanto qualquer prática capitalista predatória. Atualmente, continuar conceber o turismo como uma “indústria sem chaminés” significa desconsiderar as dimensões complexas que o fenômeno atingiu no campo dos impactos ambientais, econômicos, sociais e culturais.

A origem do capitalismo, com sua lógica industrial como principal produtor da conformação do mundo ocidental, foi intrinsecamente excludente, moldando processos produtivos em diferentes setores da economia mundial nos últimos duzentos anos. O turismo, como processo econômico, reproduziu modelos também excludentes e empobrecedores em vários locais do mundo, embora propusesse práticas socialmente incluyentes e de preservação ambiental.

Tal cenário não pode prosseguir. O mundo precisa de profissionais que cuidem do planeta.

Se bem planejado, o turismo pode ser um excelente alavancador dos princípios balizadores da “Carta da Terra”, ao fomentar o respeito à diversidade ambiental e cultural e ao preocupar-se com o bem-estar das comunidades receptoras e dos turistas. Os profissionais formados nesta ética, certamente visarão à construção de processos sociais democráticos, justos, participativos, sustentáveis e sustentados.

Bibliografia

- BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: EDUSC, 2003.
- FUSTER, Luis Fernandez. **Teoria y técnica del turismo**. Madrid: Nacional, 1971. t. I.
- MOLINA, Sérgio. **Conceptualización del turismo**. México: Centro de Emprendimiento e Innovación, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento Sustentável**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2003.
- PALSULE, Sudhanshu. **O Desenvolvimento Sustentável e a Cidade**. In: MENEGAT, Rualdo e ALMEIDA, Gerson. **Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades: estratégias a partir de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- SACHS, Ignacy. **Rumo à Ecosocioeconomia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras: 2000.
- SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000. v.1.